

FÉ E CRISTIANISMO: NA PERSPECTIVA DE JUSTINO, O MÁRTIR

Maria Edinora Garcia Santana*
Daniel Barros de Lima**

Resumo

O presente artigo propõe-se a apresentar a relevância de Justino, o Mártir, para o cristianismo primitivo e contemporâneo num contexto religioso do século II. Em análise histórica das desigualdades religiosas a respeito da verdade. Destacando a posição de Justino contra o gnosticismo ressaltando a verdade do Logos, as controvérsias entre fé cristã e o Judaísmo no Diálogo com Trifão e o seu pensamento para a igreja contemporânea. A pesquisa foi desenvolvida com material já elaborado como livros e artigos científicos. A proposta é analisar como Justino influenciou todo um século através de sua fé e sua contribuição apologética deste Mártir para a contemporaneidade.

Palavras-chave: Justino; Logos; Verdade; Contemporaneidade.

ABSTRACT

This paper aims to present the relevance of Justin Martyr to early and contemporary Christianity in a religious context of the second century. In historical analysis of religious inequalities concerning the truth. Highlighting the position of Justin against Gnosticism underscoring the truth of Logos, disputes between Christian faith and Judaism in Dialogue with Tryphon and his thoughts for the contemporary church. The research was conducted with material prepared as books and scientific papers. The proposal is to analyze how Justin has influenced an entire century through his faith and his apologetic contribution of this martyr to contemporary.

Key-words: Justino; Logos; Truth; Contemporaneity.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa acadêmica se propôs apresentar a relevância de Justino,

* Possui graduação em Administração pela Faculdade Metropolitana de Manaus (2007), graduação em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas (2015), especialização em Gestão de empresas e negócios pelo Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas (2009) e especialização em Ensino Religioso pela Faculdade Boas Novas(2016). E-mail: edinoragarciaa@hotmail.com

** Mestre em História Social (2016). Possui licenciatura Plena em História (2011) e Especialização em Metodologia do Ensino Superior (2010) e bacharelado em Ciências Teológicas (2008). Doutorando em Teologia (DINTER) pelo PPG-EST São Leopoldo/RS (2016). Docente da Faculdade Boas Novas. E-mail: daniel.barros@fbnovas.edu.br

A presente pesquisa acadêmica se propôs apresentar a relevância de Justino, o Mártir, para o cristianismo primitivo e contemporâneo, vista as relações de fé, razão e verdade, e a analisar a relação entre o judaísmo e o cristianismo num contexto religioso no século II.

A fé defendida por Justino era um conhecimento razoável e totalmente esclarecedor e baseado no testemunho da Bíblia e nas ideias da Igreja. Ele considera a validade da Bíblia como absoluta. Era um conhecimento razoável e totalmente esclarecedor e baseado no testemunho da Bíblia e nas ideias da Igreja. Ele considera a validade da Bíblia como absoluta. Assim, Justino, e com ele os outros apologistas, marcaram a tomada de posição nítida da fé cristã pelo Deus dos filósofos contra os falsos deuses da religião pagã. Um defensor da fé, da liturgia, da disciplina, os costumes, e os dogmas cristãos, decidindo assim, os rumos da Igreja.

Acredita-se que Justino buscava com sua crença resgatar a Igreja das muitas religiões que se estabelecia na época, a doutrina cristã foi o impulso necessário para combater o gnosticismo, gerando grandes polêmicas. Na atualidade temos vivido um cristianismo voltado para tantas simbologias explicando Cristo de várias formas.

Justino apresentou Cristo como uma única filosofia realmente confiável, pois a influência do pensamento de Justino nos acompanha até a contemporaneidade e pode enriquecer e resignificar o exercício da prática cristã bem como do amadurecimento acadêmico em tempos difíceis.

Eva Maria Lakatos, neste artigo foi inserida uma proposta metodológica bibliográfica a ser utilizado na elaboração do projeto consistirá da utilização de pesquisa em livros, artigos acadêmicos, revistas eletrônicas, bem como material disponibilizado na internet. Espera-se que este artigo venha identificar as dúvidas que nos inquieta a respeito do Pai apostólico Justino, que tem contribuído com a teologia cristã, e deixou nas suas obras uma grandeza e riqueza em seu legado, de modo expressar que o pensamento de Justino foi fundamental no desenvolvimento da consciência da Igreja.

A pesquisa será restrita a obras escritas no idioma português, independente do ano de publicação, porém, dando-se preferência às edições mais recentes, sem estabelecer restrições quanto á elaboração do estudo ou caráter da publicação.¹

¹ LAKATOS, Eva Maria. Metodologia Científica. São Paulo: Atlas, 2007, p. 91.

2 JUSTINO CONTRA O GNOTICISMO EM DEFESA DA VERDADE DO LOGOS

Faz-se necessário no início deste capítulo uma breve biografia do personagem central Justino, o mártir, considerado importante filósofo, foi um defensor dos ensinamentos de Cristo como a verdadeira filosofia.

Crê-se que Justino nasceu depois de 100 d.C. Seu lugar de nascimento foi em Flavia Neapolis, na Síria-Palestina, ou Samaria. A educação infantil de Justino incluía retórica, poesia e história. Como jovem adulto mostrou interesse por filosofia e estudou primeiramente estoicismo e platonismo. Justino buscava a Deus que "é a meta da filosofia de Platão" dizia. Sua conversão ao cristianismo parece ter ocorrido por volta de 132. Seriam duas razões principais de sua conversão: o desencanto com as filosofias, e o corajoso enfrentamento da morte por parte dos cristãos. Justino foi introduzido na fé diretamente por um velho homem que o envolveu numa discussão sobre problemas filosóficos e então lhe falou sobre Jesus. Ele falou a Justino sobre os profetas que vieram antes dos filósofos, ele disse, e que falou "como confiável testemunha da verdade".

Eles profetizaram a vinda de Cristo e suas profecias se cumpriram em Jesus. Justino disse depois que "meu espírito foi imediatamente posto no fogo e uma afeição pelos profetas e para aqueles que são amigos de Cristo, tomaram conta de mim; enquanto ponderava nestas palavras, descobri que a sua era a única filosofia segura e útil", é meu desejo que todos tivessem os mesmos sentimentos que eu e nunca desprezassem as palavras do Salvador. Justino buscou cristãos que lhe ensinaram história e doutrina cristã e então "se consagrou totalmente a expansão e defesa da religião cristã".²

No entanto, Justino continuou usando a capa que o identificava como filósofo e ensinou estudantes em Éfeso e depois em Roma. Assim, Justino nos deixou documentos e obras que nos provam que tinha uma mente devotada às coisas sagradas, em todo aspecto. Há discurso dele "em defesa de nossas doutrinas", "em defesa de nossa fé", "Sobre a Soberania de Deus", e, em outros que comprovam que Justino era um defensor de Jesus Cristo, dos apóstolos e dos cristãos. Era a escolha pela verdade do ser, contra o mito do costume. Os trabalhos que escreveu incluem: duas apologias em defesa dos cristãos e sua terceira obra foi Diálogo com Trifão. A convicção de Justino da verdade de Cristo era tão completa que ele teve

² ROMA, Justino de. I e II apologias – Diálogo com Trifão. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2010, p. 9-10.

morte de mártir por volta de 165 d.C. Justino foi decapitado junto com seis de seus alunos. No século II, se espalhou em muitas religiões a doutrina do gnosticismo³ e muitos apologistas se levantam em defesa do cristianismo, pois essa linha de pensamento gnóstica passa a se tornar inimigo do cristianismo puro e verdadeiro.

No século II, se espalhou em muitas religiões a doutrina do gnosticismo⁴ e muitos apologistas se levantam em defesa do cristianismo, pois essa linha de pensamento gnóstica passa a se tornar inimigo do cristianismo puro e verdadeiro. Segundo Williston Walker o gnosticismo representava um enorme perigo para a Igreja. Destruir os fundamentos históricos do cristianismo. O seu deus não é o Deus do Antigo Testamento, o qual era por eles considerado obra de um ser inferior e até mesmo perverso. O seu Cristo não tivera encarnação, morte ou ressurreição real. Sua salvação restringia-se aos poucos capazes de iluminação espiritual. O perigo era ainda aumentado pela circunstância do gnosticismo ser representado por alguns dos cérebros mais brilhantes da Igreja do século II. Vivia-se uma era de sincretismo, e, em certo sentido, o gnosticismo não passava de fruto último e amadurecido do amálgama entre a perquirição filosófica helênica e oriental com primitivas crenças cristãs, amálgama esse que, nessa época, ainda estava em processo de maior ou menor desenvolvimento em todo o pensamento cristão.⁵

A via gnóstica é mais proeminente das seitas que ensinavam um sistema de doutrinas que incluía de formas diversas ideias, que Deus era apenas espírito, um dualismo entre espírito e a matéria e outro contraponto de um Cristo que redime por ser o revelador ou o iluminador e (Esclarecedor), e não salvador no qual a salvação vem por meio do conhecimento. Segundo Roger Olson⁶, “os gnósticos acreditavam ser a matéria uma prisão ‘túmulo do corpo’ por isso Deus, e Cristo jamais habitaria o corpo do homem”.⁷ Para os gnósticos os cristãos não tinham condições de alcançar

³ Gnosticismo um amplo movimento religioso, basicamente dualista e sincretista, que se espalhou por todo o antigo Oriente próximo imediatamente antes e após a época de Cristo; e os sistemas religiosos exemplificados pelo “Grande Gnóstico”, que floresceram entre os séculos II e IV d.C. PFEFFER, F. Charles. Wycliffe Dicionário Bíblico. 4ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p.871.

⁴ Gnosticismo um amplo movimento religioso, basicamente dualista e sincretista, que se espalhou por todo o antigo Oriente próximo imediatamente antes e após a época de Cristo; e os sistemas religiosos exemplificados pelo “Grande Gnóstico”, que floresceram entre os séculos II e IV d.C. PFEFFER, F. Charles. Wycliffe Dicionário Bíblico. 4ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p.871.

⁵ WALKER, Williston. História da Igreja Cristã. 3ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: JUERP/ASTE, 1981, p. 83.

⁶ Roger E. Olson (Ph.D., Universidade de Rice) é professor de Teologia, Seminário Teológico George W. Truett, da Universidade Baylor, Waco, Texas, EUA. Ele também é um pastor batista ordenado. Ele é um dos escritores que vê duas “coalizões” em desenvolvimento na teologia evangélica.

⁷ OLSON, Roger. História da Teologia Cristã. São Paulo: Vida, 2001, p. 28.

a salvação porque a salvação vinha através de um tipo especial de conhecimento, que não estava ao alcance dos cristãos. E que Cristo não habitaria em um corpo humano por ser o corpo uma prisão, essa crença é chamada docetismo.⁸

Portanto, o docetismo tornou-se parte integrante das perspectivas dos gnósticos, considerava os sofrimentos e os aspectos humanos de Cristo como imaginário ou aparente, em vez de ser parte de uma encarnação real. De acordo com os docetistas, o Filho eterno de Deus não se tornou realmente humano ou sofreu na cruz. Considerava os sofrimentos e os aspectos humanos de Cristo como imaginário ou aparente, em vez de ser parte de uma encarnação real. Quanto a isto, Justino se posiciona da seguinte forma:

Quanto ao Filho de Deus, que se chama Jesus, ainda que parecesse homem de modo comum, por sua sabedoria mereceria chamar-se filho de Deus, pois todos os escritores chamam o Deus supremo de pai de homens e de deuses. Afirmamos que ele, de modo especial e fora do nascimento comum, como já dissemos, nasceu de Deus como Verbo de Deus.⁹

A intencionalidade principal de Justino é afirmar que Jesus era filho de Deus, porque nasceu de Deus, e Ele era o Verbo de Deus. Os gnósticos afirmam que Jesus Cristo não era filho de Deus por ter sido morto e crucificado. Mas, Justino justifica através das Escrituras que Jesus curava os enfermos e ressuscitava os mortos, demonstrando que Jesus Cristo é o único filho nascido de Deus, como o seu Verbo, seu primogênito e sua potencia. Feito homem pelo seu desígnio, ele nos ensinou essas verdades para a transformação e condição do gênero humano.¹⁰

A solução que Justino apresenta para esse problema se encontra na doutrina do Logos¹¹ tem duas funções especiais que são: o agente do Pai na criação e na ordenação do universo e revelar a verdade aos homens. No que diz respeito à Sua natureza, comparando com outros seres são “coisas feitas”, o Logos é a “geração” de Deus, seu “filho” e seu “unigênito”.¹² Conforme Justino, “no princípio, antes de todas as criaturas, Deus gerou um poder racional a partir de Si mesmo”.¹³

⁸ Docetismo (gr. *dokein*, “aparentar”) é uma heresia do final do século I que afirmava que Jesus apenas aparentava ser humano. KELLY, J.N.D. *Patrística*. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 141.

⁹ ROMA, 2010, p. 39.

¹⁰ ROMA, 2010, p.19-40.

¹¹ Logos é a razão pré-existente, absoluta, pessoal e Cristo é a encarnação dele, o Logos encarnado. Qualquer coisa racional é cristã e qualquer coisa cristã é racional.

¹² KELLY, 1994, p. 72.

¹³ ROMA, 2010, p. 204.

Nesse caso para Justino, Deus em Si mesmo era detentor de um poder antes mesmo da criação, da geração significa não a origem última do Logos ou da Razão do Pai, mas sua expressão ou emissão tendo em vista os propósitos da criação e da revelação; e ela é condicionada por uma ação da vontade do Pai, sendo resultado de tal ato.¹⁴ Mas essa geração ou emissão não implica nenhuma separação entre o Pai e seu Filho, como deixa claro, a analogia entre a razão humana e sua extrapolação na fala. Segundo Louis Berkhof, o Logos tornou-se homem ao assumir real natureza humana, consistente de corpo e alma. Todavia, Ele não era homem comum e sim Deus e homem, embora sua divindade estivesse oculta. Portanto, não foi um mero homem, mas o próprio Filho de Deus que morreu encravado na cruz.¹⁵

Na comparação que faz para Justino, o Logos existia no Pai na forma de sua racionalidade, e também fora gerado por um ato de sua própria vontade. E chega a comparar que a unidade do Logos com o Pai é como a luz e sol que não podem ser separados. Através de sua doutrina do logos spermatikos (“palavra geradora”) permitiu-lhe afirmar que Deus havia preparado o caminho para sua revelação final em Cristo por intermédio dos indícios de sua verdade, que estavam presentes na filosofia clássica. Portanto, Justino relaciona o evangelho à perspectiva da filosofia grega.¹⁶ Justino argumenta com coerência e razão da seguinte forma:

Façamos uma suposição. Se não fossem o que são e de quem são e alguém lhes mostrasse o sêmen humano e uma imagem pintada de um homem, afirmando que esta se forma daquele, por acaso acreditaria antes de vê-lo nascido? Ninguém se atreveria a contradizer isso. Do mesmo modo, por nunca terem visto um morto ressuscitar, a incredulidade agora os domina. Da mesma forma, como no princípio não teriam crido que de uma pequena gota nasceriam tais seres e, no entanto, os veem nascidos, assim também considerem que não é impossível que os corpos humanos, depois de dissolvidos e espalhados como sementes na terra, ressuscitem a seu tempo, por ordem de Deus e se revistam da incorruptibilidade.¹⁷

Justino aqui deixa claro que a ressurreição não é impossível, “e o que é impossível para os homens, é possível para Deus”.¹⁸ Da forma como através da semente do Logos os filósofos tiveram participação. “Pois, tudo quanto os filósofos e legisladores descobriram e proclamaram de acertado: todos estes conhecimentos e

¹⁴ KELLY, 1994, p. 201.

¹⁵ BERKHOF, Louis. A História das Doutrinas Cristãs. São Paulo: PES, 1992, p. 55.

¹⁶ MCGRATH, Alister. Teologia Sistemática, História e Filosofia. São Paulo: Shedd Publicações, 2005, p. 45.

¹⁷ ROMA, 2010, p.36.

¹⁸ ROMA, 2010, p.37.

descobertas eles os conquistaram trabalhosamente, na medida em que tiveram parte no Logos”.¹⁹ “Reafirmar a superioridade da religião cristã sobre toda filosofia e sobre todo ensinamento humano, pois só os cristãos possuem o Logos inteiro, que é Cristo”.²⁰ Em todos os casos, o Logos era considerado um mediador entre o Deus único e a criação.²¹ Cristo”.²² Em todos os casos, o Logos era considerado um mediador entre o Deus único e a criação.²³ Cristo”.²⁴ Em todos os casos, o Logos era considerado um mediador entre o Deus único e a criação.²⁵

Essas duas formas de representação do Logos exemplificam que o homem natural sem ter participação no Logos e sem esse Logos está dentro do homem é impossível que se possa imaginar que as coisas que foram feitas venham de Deus. Contudo, na visão de Justino somente Deus tem poder a partir do nada para trazer a existência coisas que o homem nem pensa que possa existir. Essa falta de crença que o Logos é enviado de Deus abre a controvérsia entre judeus e cristãos.

3 A FÉ CRISTÃ E O JUDAÍSMO NO DIÁLOGO COM TRIFÃO

No Diálogo com Trifão,²⁶ Justino mostra através de um debate a superioridade do cristianismo sobre o judaísmo, através de um filósofo pagã, convertido ao cristianismo, Justino e o seu interlocutor o judeu Trifão, erudito, crítico do cristianismo do século II. Relatando de como os sacrifícios e ofertas do Antigo Pacto prefiguravam as coisas do Novo Pacto. “Em seu *Diálogo*, apresenta sua própria concepção de uma séria discursão filosófica sobre questões de Fé”.²⁷ Ele Justino combate o judaísmo com o conhecimento profundo da verdade que é a Palavra de Deus com base em Jesus Cristo, onde a lei se cumpre. Sua mensagem era a doutrina recebida de Cristo e dos profetas, a qual era a verdadeira, pois anunciava que Jesus Cristo era primogênito de Deus, no qual todo ser humano o compartilha. De acordo com Justino de Roma, “O tema central do Diálogo é a derrogação da lei

¹⁹ ROMA, 2010, p.100.

²⁰ Ibidem, p.88.

²¹ OLSON, 2001, p. 59.

²² ROMA, 2010, p.88.

²³ OLSON, 2001, p. 59.

²⁴ ROMA, 2010, p.88.

²⁵ OLSON, 2001, p. 59.

²⁶ Esta obra representa a controvérsia mais antiga entre o cristianismo e o judaísmo. Constitui-se, portanto, no primeiro documento de valor, fora do Novo Testamento, sobre as relações controvertidas do cristianismo com o judaísmo. ROMA, 2010, p.107.

²⁷ CHAMPENHAUSEN, Hans von. Os Pais da Igreja. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p.19.

antiga e o advento da nova; messianidade e divindade de Jesus: nele se cumprem as Escrituras e as figuras do Antigo Testamento”.²⁸

Defensor do cristianismo primitivo e ante o judaísmo, Justino não concordava com os costumes e práticas exercidas segundo a lei judaica, seu objetivo é mostrar que Cristo é o messias de Israel com isso, mostrar que quem possui a verdadeira interpretação das Escrituras não são os judeus, mas os cristãos, através de Jesus e as Escrituras, no *Diálogo* Justino rebate as críticas judaicas sobre o cristianismo. Porém, ele afirma o que não estava escrito era de caráter suspeito e duvidoso, tudo que ele apresentava, tentava provar pelas Escrituras. Com efeito, vou mostrar-te imediatamente que não demos créditos a fábulas vãs, nem a doutrinas não demonstradas, mas cheias do espírito de Deus e das quais brota o poder e floresce a graça.²⁹ A partir deste discurso, o *Diálogo* ganha curso. Justino afirma:

Senhor, se as escrituras que vos citei não dissessem que sua figura era sem glória e que sua geração é inexplicável, que por sua morte os ricos serão entregues à morte, que por suas feridas nós somos curados e que devia ser conduzido como ovelha; se por outro lado, eu tivesse distinguindo das duas vindas dele: uma em que foi transpassado por vós; outra em que reconheceréis a quem transpassastes e vossas tribos baterão no peito, tribo por tribo, as mulheres de um lado e os homens do outro; então, o que digo poderia parecer obscuro e difícil. Contudo, em todos os meus raciocínios eu parto das Escrituras proféticas, que são santas para vós, e apoiado nelas eu vos apresento as minhas demonstrações, esperando que alguém de vós possa encontrar-se no número dos que foram reservados, pela graça do Senhor dos exércitos, para a eterna salvação.³⁰

Essa abordagem representa uma comprovação segundo Justino, como ele mesmo afirmou que fosse considerado suspeito, duvidoso, tenebroso, se não fosse verdade a sua defesa, ele defendia as Escrituras, na qual os judeus não poderiam combatê-la porque creem na “tradição oral”.³¹ a qual os judeus praticavam essa doutrina. Dessa forma, a tradição não bíblica é desmistificada por Justino e com isso, fortalecendo os princípios cristãos estabelecidos pelas as Escrituras.

A sequência do *Diálogo* onde Trifão argumenta sobre os falsos cristãos. “Fiquei sabendo que muitos dizem confessar a Jesus e que se chamam cristãos,

²⁸ ROMA, 2010, p.107.

²⁹ Ibidem, p.124.

³⁰ Ibidem, p.156.

³¹ Tradição Oral ensino que é transmitido de uma pessoa ou grupo para outra pessoa ou grupo. É usado para se referir à interpretação oral do AT, particularmente da lei de Moisés, e aos ensinamentos dos anciões e rabis judeus. A tradição era chamada de Halakah na literatura judaica, e foi mais tarde escrita e preservada no Mishna e no Talmude.

comem do que é sacrificado aos ídolos e afirmam que nenhum mal lhes acontece por causa disso”.³² Nesse momento do *Diálogo* Trifão contesta que Jesus não é o Filho de Deus através do comportamento dos seus seguidores aqueles que se dizem cristãos, pois como Jesus sendo Filho de Deus daria um mandamento de que poderiam comer todo tipo de alimento, sendo que Deus através de Moisés ordenou que alguns alimentos não poderiam ser comidos pelos Judeus.

Segundo Justino, quando Jesus fala que quem tem Cristo em sua vida suportaria todo o tormento e castigo até o extremo da morte para não cometer idolatria. De fato, existem pessoas que se dizem cristãos e confessam a Jesus crucificado como Senhor e Cristo; por outro lado, porém, não ensinam a doutrina dele, mas dos espíritos do erro. De fato ele disse: “Virão muitos em meu nome vestido por fora com peles de ovelhas, mas por dentro são lobos vorazes”. E: “haverá cisões e seitas” e ainda: “cuidado com os falsos profetas que virão até vós vestidos de pele de ovelhas por fora, mas por dentro são lobos vorazes”. E: “surgirão muitos falsos cristos e apóstolos que extraviarão muitos fiéis”. Portanto, amigos, existem e existirão muitos que ensinaram doutrinas e moral atérias e blasfemas, embora se apresentassem em nome de Jesus.³³

Dessa forma, Justino constrói suas argumentações em favor do cristianismo, na tentativa de fundamentar o debate em torno das Escrituras, direcionadas aqueles que estão fadados e que se mantinham na antiga Lei, convencer o judeu Trifão do valor desse comportamento, ato de não compreender as palavras divinas que desde o tempo dos profetas e de Jesus continuavam anunciadas. No momento do *Diálogo*, Justino fala sobre a nova aliança que dar liberdade ao homem de ter ligação direta com Deus, sendo que não foi assim no passado. E Trifão rebate contestando: “Estás tentando demonstrar algo incrível e pouco menos que impossível, isto é, que Deus poderia suportar nascer e tornar-se homem”.³⁴

Esse trecho do *Diálogo* nota-se o coração duro desse judeu onde ele se contradiz em seguir fielmente as leis, sendo que as leis apontavam para Cristo e ele considerava que Jesus Cristo nascer no corpo de homem era impossível. Em contraponto Justino rebate o questionamento de Trifão de Jesus filho de Deus nascer no corpo de homem. De acordo com Justino:

³² ROMA, 2010, p. 161.

³³ Ibidem, p. 161.

³⁴ Ibidem, p.216.

Se eu tivesse me proposto demonstrar-vos isso, apoiando-me em ensinamentos ou argumentos humanos, é certo que não me aguentaríeis. O caso, porém, é que enquanto eu peço que reconheçais as Escrituras que falam abundantemente a esse respeito, citando-as na maioria das vezes literalmente, vós vos tornais duros de coração para compreender o pensamento e a vontade de Deus. Se estais decididos a permanecer sempre assim, de modo nenhum vou me prejudicar com isso. Todavia, tendo da mesma forma de tratar convosco como antes, eu me separarei de vós.³⁵

Justino relata que pela capacidade humana é impossível crer, só podemos crer através da revelação que são as Escrituras, na qual o Logos é revelado na sua vida para o resgate das almas. Todavia ele apresenta as Escrituras como fator predominante. Outra abordagem, o comportamento dos judeus e dos cristãos diante do crucificado. De acordo com Justino:

Com efeito, o que está dito na lei: “É maldito todo aquele que for suspenso no madeiro”, fortifica ainda mais a nossa esperança que pende de Cristo crucificado, pois Deus não amaldiçoa esse crucificado, mas predisse o que vós e outros semelhantes a vós faríeis ignorando que Jesus existe antes de tudo e é o eterno sacerdote de Deus, Rei e Ungido.³⁶

Portanto, é difícil para o judeu acreditar que o Filho de Deus como promessa de resgate seria pendurado em um madeiro, e que era o costume dos judeus terem como pena de maldição para aqueles que não cumpriam as leis de Moisés. Todavia como um Deus que instituiu a lei, envia o seu filho para está em condição de pecador.

No entanto, por causa da dureza do coração dos judeus, eles passam a persegui todo aquele que seguiu a Jesus. Mas, Justino contrariando o que fazem os judeus que é em suas sinagogas julgar e condenar todos os seguidores de Cristo, os cristãos oravam para que o espírito santo alcançasse o coração dos judeus para que eles viessem a conhecer o Logos que é Cristo. Diante de tanta perseguição e embate contras as heresias na defesa da fé do cristianismo, na certeza que as Escrituras os levavam ao encontro de Cristo. Portanto, as Escrituras eram reveladas através do Logos numa contribuição intelectualmente rica para que a fé continuasse fumegando como uma tocha acesa pelas eras e séculos vindouros.

³⁵ ROMA, 2010, p.216.

³⁶ Ibidem, p.259.

4 O PENSAMENTO DE JUSTINO PARA A CONTEMPORANEIDADE ANTE O CONCEITO DE VERDADE

Na verdade santos são aqueles que consagram a filosofia a própria inteligência, de fato Justino expressa a filosofia como um bem precioso e como uma dádiva divina que conduz a nos associar a Deus. A filosofia nos leva a um conhecimento mais claro das coisas divinas, as escolas filosóficas ajudaram a transmitir as doutrinas primitivas de geração a geração através dos pais apologistas, revelando a essência de cada um deles através de sua filosofia e tornando-se isto, um legado de contribuição para o cristianismo contemporâneo.³⁷

Deve-se ressaltar que o nascimento da teologia contou com o necessário auxílio da filosofia, pois o corpo e a estrutura do pensamento cristão não se cristalizariam sem esse auxílio de extremo valor funcional e sistemático que a filosofia, principalmente a grega, tinha em seu arcabouço teórico metodológico. Justino não foi apenas um homem que fez história na sua época, pois é considerado um dos Pais da Igreja.³⁸

Tinha conduta moral e ética, sobretudo, foi defensor do cristianismo que para ele era a verdade absoluta. Justino cria que aquilo que não era dito pelas Escrituras era duvidoso e suspeito, dessa forma tentava provar pelas Escrituras tudo o que ele apresentava, senão unicamente pela razão. Portanto, a defesa da fé cristã não era, contudo, o único fim de sua apologia. Mas, sim levar ao conhecimento a exposição da verdade. De acordo com Hans Von Campenhausen:

O cristianismo de Justino é marcado pelo ímpeto de dar uma expressão prática à sua fé e pela plena certeza de suas convicções absolutas. Os cristãos possuem a verdade na qual baseiam suas vidas; isto é provado pelo alto padrão moral de sua conduta. Além disso, a fonte de onde obtém os seus conhecimentos a respeito de Deus é, sem dúvida alguma, favorável. Nesse ponto seus ensinamentos cumprem a verdadeira missão da filosofia, a qual, de acordo com Justino, é acima de tudo explorar aquilo que é divino.³⁹

³⁷ ROMA, 2010, p.111.

³⁸ Padres da Igreja, Santos Padres ou Pais da Igreja foram influentes teólogos, professores e mestres cristãos e importantes bispos. Seus trabalhos acadêmicos foram utilizados como precedentes doutrinários para séculos vindouros. Os padres da Igreja são classificados entre o século II e VII. O estudo dos escritos dos Padres da Igreja é denominado Patrística.

³⁹ CAMPENHAUSEN, 2005, p. 17.

Nesse contexto, Justino coloca o cristianismo no andar superior apresentando a religião cristã, como garantia de uma estrutura que mantém “a ordem social e moral”, pois através da fé o homem transforma a cosmovisão humanista e filosófica para uma cosmovisão cristã desprovida de todo o interesse material. A condição moral do cristão é desprovida deste mundo porque os cristãos não esperam pelo reino desse mundo e sim pelo reino vindouro. Logo, os cristãos não deveriam ser perseguidos nem pela sua religião e nem por não se submeter às ordens do império.

Justino afirmara que “a nossa religião mostra-se mais sublime do que todo o ensinamento humano, pela simples razão de que possuímos o Verbo, que é Cristo, manifestado por nós, tornando-se corpo, razão e alma”.⁴⁰ Justino afirmara que “a nossa religião mostra-se mais sublime do que todo o ensinamento humano, pela simples razão de que possuímos o Verbo, que é Cristo, manifestado por nós, tornando-se corpo, razão e alma”.⁴¹ Justino tinha como base de apoio implantar um cristianismo puro e verdadeiro que combatia toda a sorte de heresias, as Escrituras. Justino se insere num momento e num círculo muito importante da história do cristianismo primitivo no segundo século, vivendo num cenário conturbado de perseguição e ataques direto a verdade do Evangelho, que para ela era a verdadeira filosofia. Justino influenciou a história da teologia e a história do cristianismo e muito o seguiam pelo simples fato de crer que Cristo era o único Salvador.

Cabe aqui, portanto delimitar, mesmo que de forma sucinta a implicação do pensamento de Justino para o cristão contemporâneo que vive num século marcado pela diversidade e pluralidade do conhecimento humano, mas que como Justino deve procurar aplicar ao seu contexto as mesmas convicções e verdades as quais carregava Justino. No entanto nosso tempo demonstra com clareza que quaisquer verdades postuladas que não sejam empíricas ou tangíveis pelo método científico deve, necessariamente, ficar de fora de qualquer debate sério a cerca de nossa existência, e deve de forma “absoluta” ficar trancada na esfera particular de cada indivíduo, pois deve ser considerada religiosa.

A cerca disso Nancy Pearcey⁴² identifica a divisão entre o secular e o sagrado, que mantém a fé trancada na esfera particular “verdade religiosa”. Mas, o

⁴⁰ ROMA, 2010, p. 100.

⁴¹ Ibidem, p. 100.

⁴² Nancy Pearcey é uma historiadora da ciência que tem viajado pelo mundo proferindo conferências em Universidades abordando as questões problemáticas do mundo acadêmico. É perita em Francys

homem peca em achar que sua verdade é a ótica do mundo onde cada indivíduo traz intrínseca a cultura, na qual é responsável pela sua cosmovisão. A verdade absoluta tem como base a cultura do indivíduo, ou seja, diversidade por ponto de vistas diferentes, sendo que a verdade absoluta de cada indivíduo não coopera harmonicamente para o todo, observando que há uma necessidade de uma cosmovisão que dê liberdade, resgatando o homem do cativeiro cultural e usando a cosmovisão cristã como mola transformadora do mundo.⁴³ Portando faz-se necessário destacar aqui alguns modelos do pensamento contemporâneo, principalmente na esfera acadêmica, que servem como instrumento para a cauterização da mente do indivíduo desse século, onde a subjetividade virou lei e a relatividade melhor sua serva, onde o produto final é afirmar que não há verdade em nenhum lugar.

Após o advento do Iluminismo houve aquilo que pode-se chamar de “triunfo da ciência” na era razão, onde o homem a partir das técnicas resolveria todas as questões não resolvidas na história da humanidade. Dentre tantas coisas que deveriam ser eliminadas na sociedade, a religião e com ela a existência de Deus eram alvos de críticos por assim dizer, ateus e agnósticos. Dentre eles, os mais famosos pode-se citar aqui alguns, Ludwig Feuerbach,⁴⁴ Karl Marx,⁴⁵ Friedrich Nietzsche,⁴⁶ Charles Darwin,⁴⁷ e Sigmund Freud,⁴⁸ que em nome da razão como única possuidora da verdade consideraram a religião pura ilusão e esperavam com o recurso da natureza e da ciência desmascarar a alienação religiosa obtendo assim a transformação da consciência humana. O que deve-se dizer com toda certeza aqui, é a necessidade de cada cristão amadurecido na fé e bem esclarecido na razão em Deus, de enfrentar a leitura desses autores e seus postulados, somente assim será

A. Schaeffer no World Journalism Institute, onde verdade absoluta serve de base para o currículo relacionado à cosmovisão cristã.

⁴³ PEARCEY, Nancy. *Verdade Absoluta*. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p. 19.

⁴⁴ Ludwig Andreas Feuerbach foi um filósofo alemão. Feuerbach é reconhecido pela teologia humanista e pela influência que o seu pensamento exerce sobre Karl Marx.

⁴⁵ Karl Heinrich Marx foi um intelectual e revolucionário alemão, fundador da doutrina comunista moderna, que atuou como economista, filósofo, historiador, teórico político e jornalista.

⁴⁶ Friedrich Wilhelm Nietzsche foi um filólogo, filósofo, crítico cultural, poeta e compositor alemão do século XIX.

⁴⁷ Charles Robert Darwin foi um naturalista britânico que alcançou fama ao convencer a comunidade científica da ocorrência da evolução e propor uma teoria para explicar como ela se dá por meio da seleção natural e sexual.

⁴⁸ Sigmund Schlomo Freud, mais conhecido como Sigmund Freud, foi um médico neurologista e criador da Psicanálise.

possível dialogar inserindo o pensamento cristão em quaisquer esferas da sociedade hoje em que esses postulados estão inseridos.

De acordo com Colin Brown o fator individual mais poderoso que minou a crença na existência de Deus nos tempos modernos foi de longe a teoria da evolução de Charles Darwin. Em geral não houvera um ato único e isolado de criação que havia sido praticado de uma vez por todas. Havia duas partes principais em sua teoria, a evolução e a seleção natural, que postulam que causas naturais e espontâneas trouxeram a existência de todas as coisas, o universo e inclusive a vida.⁴⁹ Isso é amplamente aceito baseado não em evidências científicas mais em hipóteses, mas que por causa do rótulo de ciência, e porque Deus não está na equação, a ideia acabou se fortalecendo e se estabelecendo nos círculos acadêmicos, naquilo que pode-se também chamar de “na fé dos cientistas”.

No campo da história os estudos sobre a cultura ganham enorme valor, a história cultural se propõe desenvolver estudos que proporcione ao historiador a possibilidade de compreender a cultura, enquanto campo semântico,⁵⁰ como um eixo vital para a interpretação dos fatos do passado. Em Michel Foucault⁵¹ há os conceitos dos contrários, como progresso e evolução. Ele pensou as descontinuidades culturais e a ideia de invenção da cultura, de redes de ideias e de pensamentos de dado período, bem como as práticas do que chamou de microfísica do poder. Com Pierre Bourdieu, têm-se a ideia de reprodução cultural; de teoria da prática; de produção e capital ligado à cultura e a teoria da estratégia de distinção cultural para afirmar a identidade social.⁵²

François Dosse argumenta sobre a busca pelo contrato da verdade lembrando da frase de Michel de Certeau: “A história nunca é certeza”. Dosse lembra que a própria fonte escrita está carregada de subjetividades, e que talvez seja ainda mais imprecisa do que os relatos das fontes orais, embora estas também

⁴⁹ BROWN, Colin. *Filosofia e Fé Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 123-126.

⁵⁰ É o conjunto dos significados, dos conceitos, que uma palavra possui. A cultura é uma palavra que possui uma complexidade de conceituações, ou seja, em torno dela existe um profícuo campo semântico de estudo.

⁵¹ Para uma leitura transversal ao estudo da cultura, podemos inferir aqui o conhecido texto de Michel Foucault “A ordem do discurso”, no qual a partir de uma análise da legitimação dos discursos, o autor localiza um conjunto de procedimentos externos com função de organizar e redistribuírem a produção dos discursos, que são a interdição; a separação/rejeição e a vontade de verdade. Auxiliada por este suporte, a vontade de verdade exerce um poder de coerção sobre os outros discursos, que recorrem a ela pedindo autorização e legitimação. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 23ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

⁵² BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 68-98.

sejam subjetivas. Dosse lembra que a História estágios de subjetividade da pesquisa que a torna instável presa ao lhe escapa, o que está sempre ausente e o desejo de tornar presente.⁵³ Dessa forma, ao que parece o historiador deve buscar compreender não a existência do fato em si, como se o mesmo tivesse que ser negado ou afirmado a qualquer custo, como em categorias de verdade e mentira, mas como Patrícia Silva afirma, deve “está comprometido mais com os significados do que com os fatos”.⁵⁴

Essa ação epistemológica está presente em vários campos do conhecimento, também conhecida como pós-modernismo que J. P. Moreland e William Craig falando em termos bem amplos afirmam que o pós-modernismo representa uma forma de relativismo cultural sobre coisas como a verdade, a realidade, a razão, os valores, o significado linguístico, o ‘eu’ e outras noções. Embora existam diversas formas de Pós-Modernismo, três valores são unificadores: (1) um comprometimento com o relativismo; (2) uma oposição às meta-narrativas, ou explicações totalizadoras da realidade que são verdadeiras para todas as pessoas em todas as culturas; (3) a ideia de realidades culturalmente criadas. Cada um desses comprometimentos tem o propósito de negar que exista uma cosmovisão ou um sistema de crenças que possa ser considerado como Verdade absoluta.⁵⁵

Para efetivamente se envolver nessa batalha ideológica, cada cristão precisa ter uma compreensão dos tempos e “saber aquilo que precisa fazer” (1 Cr 12:32). Exatamente como se vê hoje em nossa sociedade contemporânea existe uma chamada “guerra de cosmovisões”. Em um tempo de pós-modernidade está mais claro do que nunca que há uma batalha travada pela mente das pessoas. São cosmovisões humanistas e materialistas que destroem a visão bíblica do homem e de Deus (Gn 1:26-28).

Voltando ao contexto dos pais da igreja, Roger Olson nos apresenta uma bela descrição a cerca de uma dupla função que tinham os pais apologistas da igreja desde Justino, mas aqui representados em Clemente e Orígenes os quais viveram

⁵³ DOSSE, François. *História do tempo presente e historiografia*. In: *Tempo e Argumento*, Florianópolis: Revista do Programa de Pós-graduação em História, UDESC. v. 4, n.1. Jan/Fev. 2012, p.10-14.

⁵⁴ SILVA, Patrícia Rodrigues da. “A Gente vê a Cidade Assim”: Memórias de Mulheres Interioranas em Manaus. IN: PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. (Org.) *Gênero & Imprensa na História do Amazonas*. Manaus: EDUA, 2014, p. 177.

⁵⁵ MORELAND, J. P. CRAIG, William Lane. *Filosofia e cosmovisão cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 185-196.

em Alexandria, uma representação típica da antiguidade do que significava viver em um contexto de diversidade e pluralidade:

Essa era a dupla missão dos grandes mestres cristãos alexandrinos, Clemente e Orígenes: demonstrar a compatibilidade do melhor do pensamento grego com as crenças cristãs e demonstrar a superioridade do cristianismo, como pináculo da verdade acima do pensamento grego e de todas as demais filosofias e cosmovisões alternativas.

A implicação disso para o cristão, hoje, está relacionada ao que Nancy Pearcey alerta sobre uma instrução, mais sólida e persistente, aos jovens cristãos estarem preparados para lidar com esse universo complexo de cosmovisões contemporâneas. A autora exorta pais, pastores, professores e líderes cristãos afirmando que se tudo que derem aos jovens for uma religião do “coração”, eles não serão bastante fortes para se oporem à isca de ideias atraentes e perigosas. Nisto ela afirma que os jovens cristãos também precisam de uma religião do “cérebro”, educação em cosmovisão e apologética para equipá-los na análise e crítica de cosmovisões concorrentes que eles encontrarão no mundo afora.⁵⁶

Deve-se buscar reconhecer e compreender que Deus quer atuar através dos seus, perceber que já deve haver um ambiente propício para isso, em uma profissão no trabalho, na escola, na faculdade, na família, nas amizades. É um esforço de integridade no caráter, um cuidado de não transmitir às pessoas outro padrão inferior àquele que Deus ensina em sua Palavra. Deve haver uma busca por conhecimento nas áreas em que cada cristão trabalha ou exerce influência. Deus com certeza usará cada parte da vida cristã para a glória de Seu nome, pois a glória requer antes o sacrifício (Rm 8:17).

Nancy Pearcey também fala sobre esse processo de busca dizendo que:

Se nosso propósito é ter a mente de Cristo, devemos primeiro estar dispostos a nos submeter ao padrão de sofrimento que Ele modelou para nós. Devemos estar na expectativa de que o processo de desenvolvimento de uma cosmovisão cristã é uma luta árdua e dolorosa. (Lc 9:23) Primeiro interiormente, ao desarraigarmos os ídolos de nosso padrão de pensamento, e depois exteriormente, ao enfrentarmos a hostilidade de um mundo caído e descrente.⁵⁷

⁵⁶ PEARCEY, 2005, p. 21.

⁵⁷ Ibidem, p.43.

Portanto, a força de cada cristão para tal tarefa deve vir da união espiritual com Cristo, reconhecendo que o sofrimento é a rota principal para se conformar à sua imagem. Pela graça de Deus, é possível fazer uma diferença significativa de influência em quaisquer esferas de atuação pública, tendo em mente que crucificar a apetência pelo sucesso, poder e aclamação pública pode trazer sobre cada cristão a satisfação de ser parecido com Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma conclui-se esse artigo que considero ser um breve estudo a cerca do quanto a história do pensamento cristão pode enriquecer e resignificar nossa práxis cristã e acadêmica em função da defesa das verdades históricas e eternas do Evangelho, à vista de tudo isso, é incontestável que Justino cria nas Escrituras.

Portanto, no século II, Justino foi venerado pela Igreja Católica, contudo, eles tentam distorcer e omitir informações e partem para ataques e acusações pessoais, para negar tudo o que Justino transmitia de forma clara e explícita a respeito da verdade das Escrituras. No entanto, Justino torna-se um porta voz do Senhor e defensor do seu Evangelho. Por conseguinte, das heresias estabelecidas no século II, seu amor e entusiasmo, pelo cristianismo o quanto foi audácioso contra os ataques de pecado e perversões, de forma que a fé de Justino se alimentou mais pelo que a igreja confessava do que por sua própria especulação filosófica.

Atualmente, a influência de Justino está presente na igreja contemporânea através dos reformadores que contribuíram com esse conhecimento para o cristianismo, a essência da filosofia de Justino estava pautada única e exclusivamente em Jesus Cristo como filho de Deus e nas Escrituras.

REFERÊNCIAS

BERKHOF, Louis. **A História das Doutrinas Cristãs**. São Paulo: PES, 1992.

BROWN, Colin. **Filosofia e Fé Cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CHAMPENHAUSEN, Hans von. **Os Pais da Igreja**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

DOSSE, François. **História do tempo presente e historiografia**. In: Tempo e Argumento, Florianópolis: Revista do Programa de Pós-graduação em História, UDESC. v. 4, n.1. Jan/Fev. 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 23ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

KELLY, J.N.D. **Patrística**. São Paulo: Vida Nova, 1994.

LAKATOS, **Eva Maria**. Metodologia Científica. São Paulo: Atlas, 2007.

MCGRATH, Alister. **Teologia Sistemática, História e Filosofia**. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

MORELAND, J. P. CRAIG, William Lane. **Filosofia e cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

OLSON, Roger. **História da Teologia Cristã**. São Paulo: Vida, 2001.

PEARCEY, Nancy. **Verdade Absoluta**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

PFEFFER, F. Charles. Wycliffe. **Dicionário Bíblico**. 4ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

ROMA, Justino de. I e II apologias – **Diálogo com Trifão**. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2010.

SILVA, Patrícia Rodrigues da. **“A Gente vê a Cidade Assim”: Memórias de Mulheres Interioranas em Manaus**. IN: PINHEIRO, Maria Luíza Ugarte. (Org.) Gênero & Imprensa na História do Amazonas. Manaus: EDUA, 2014.

WALKER, Williston. **História da Igreja Cristã**. 3ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: JUERP/ASTE, 1981.